

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP Class.: 171
 Data 14/10/75 Pg.: _____

ESP 14.10.75
**Documento defende
 Funai independente**

Afirmando que as posições antagônicas entre o órgão indigenista e o Ministério impedem o desenvolvimento de uma política adequada para o setor, o padre Afonso de Moraes Passos, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, encaminhou ao Senado um estudo no qual defende a independência da Funai em relação ao Ministério do Interior. Para o padre Afonso Passos, é ilógica essa dependência atual, já que o Ministério se empenha pela interiorização de um tipo de progresso do qual o índio, dentro da mentalidade oficial, é um obstáculo, tornando antagônicas as relações entre o Ministério e a Funai.

No documento, enviado ao presidente da Comissão de Assuntos Regionais do Senado, Catete Pinheiro, da Arena do Pará, o padre critica a política da Funai e chega a afirmar que ela foi um erro chocante da Revolução: Tendo eu participado, antes mesmo que ela se manifestasse, do movimento que em 64 reconciliou o Brasil com sua alma nacional, defendo a Revolução, mas nunca esse seu erro chocante, do qual falarão gerações de brasileiros".

Segundo o padre Afonso Passos, a Funai adotou, ao suceder o Serviço de Proteção ao Índio, o SPI, uma "terminologia antropológica, mas nasceu e continuou vivendo com o mesmo erro original, formidável: a concepção etnocêntrica sobre o índio". Ele diz que o órgão "arquitetou também um conselho de antropólogos, o qual não tem voz ativa, não é seguido e sim pressionado. Alguns de seus sucessivos membros falaram e acusaram. Até funcionários da própria Funai, inclusive os Villas Boas, por várias vezes têm atacado a atuação desse órgão. A concepção científica é uma e a da Funai, não obstante o jargão antropológico às vezes adotado, é outra. E, enquanto toda a humanidade aumenta em números, os índios decrescem, pois não é só o bacamarte e o fuzil que os matam, mas o

aniquilamento, o tirar-lhes a cultura, para cuja vida exige-se o habitat próprio".

Depois de defender a presença dos missionários entre os índios — não sem uma ressalva: diz que eles "erraram também muitas vezes" — o documento analisa a posição oficial, que é "sempre a mesma", acrescentando que "a mentalidade do homo economicus contra a mentalidade do homem natural e a mentalidade da Funai (embora cercada de alguns antropólogos de valor que procuram salvar o salvável, mas que não possuem comando algum) continua a mesma".

Recorda o padre que o primeiro presidente da Funai foi um jornalista, Querós Campos. O segundo, general Bandeira de Mello, era "um bom militar, mas completamente ignorante na matéria que passou a dirigir — tenho uma carta dele onde ele diz que o índio é estranho à cultura brasileira e que não pode formar um quisto no Brasil". O terceiro, o atual presidente, general Ismarth de Araujo Oliveira, "menos prepotente que o outro, já disse, mais de uma vez, que nada entende de antropologia, que é um administrador". E, segundo suas conclusões, "ai está uma das raízes do mal: escolhe-se para a cirurgia, já não digo um dentista, mas um engenheiro ou advogado".